

PARA ALÉM DO LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DOS REFLEXOS SOCIAIS

Noesio Santos de Jesus¹
Lívia Pricila Xavier de Souza²
Jackeline Maciel de Azevedo³
Rebeca Muniz dos Reis⁴
Edmerson dos Santos Reis⁵

RESUMO

A partir da análise do livro didático “Novo Lendo Você fica sabendo: Letramento e Alfabetização”, de Daniela Macambira, 2º ano vol. 1, foi possível refletir sobre aspectos sociais e culturais, identificando entre eles a forma como a sociedade reflete em sua estrutura e nos conteúdos abordados, além de buscar entender possíveis origens históricas que baseiam o pensamento dominante no livro. Esta escrita compreende como o livro didático analisado guia o aluno a conhecer o espaço no qual está inserido, porém, sob falsos aspectos de sua realidade, onde pouco se enfatiza a representatividade de fatores naturais e socioculturais. A editora responsável pela organização do livro está localizada no Nordeste brasileiro, especificamente no estado do Ceará, logo, seria esperado que houvesse uma contextualização do local partindo para o global, mas nota-se uma lacuna neste quesito. O livro didático é de suma importância para o processo de ensino-aprendizagem, entretanto ele é apenas um produto da sociedade, assim, se faz necessário uma análise crítica de seus conteúdos para que não ocorra a reprodução de conceitos enraizados.

Palavras-chave: Livro didático, Análise, Educação, Contextualização e Estereótipos

INTRODUÇÃO

O livro didático desempenha um papel importante no processo de aprendizado, levando em consideração que o mesmo se torna um instrumento que apresenta ao aluno os rudimentos básicos do saber até os conceitos mais complexos e reflexivos da Filosofia, ou os problemas e teoremas da Matemática, em conjunto com outros procedimentos. Este recurso pedagógico é um dos principais subsídios na prática docente do ensino básico, e contribui significativamente no que diz respeito à aproximação entre o conhecimento e os sujeitos desse conhecimento, num laço de interdisciplinaridade e contextualização do saber, com um objetivo principal, o de transmitir e construir em coletividade o aprendizado. Como afirma Silva (2012, p. 806) “o livro didático está consagrado em nossa cultura escolar e tem a primazia entre os recursos didáticos utilizados na grande maioria das salas de aula do ensino

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, noesiosantos35@gmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, liviapricila83@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, jackmaaciel@gmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, reisrebeca5@gmail.com

⁵ Professor orientador: Doutor em Educação, Universidade do Estado da Bahia - UNEB - BA, edmerson.uneb@gmail.com

básico”. Este pensamento de Silva reafirma a ideia de que o livro didático é um dos principais recursos dentro da educação: um auxílio para a prática pedagógica, e um facilitador da compreensão do conteúdo por parte do aluno.

Assim, sabendo da real importância do livro didático, é imprescindível examinar sua bagagem de significações, saber o lugar de fala dos textos, imagens ou linguagens, e ainda, investigar os motivos culturais e ideológicos que deram espaço ao conteúdo selecionado. Nesse contexto, a escrita aqui presente, busca fazer uma análise capa-conteúdo do livro do 2º Ano, intitulado: Novo Lendo Você Fica Sabendo, de Daniela Macambira, Vol. 01, destinado à alfabetização e letramento, com o objetivo de explorar as expectativas que a capa do livro causa e a realidade que o próprio traz em seu corpo, buscando a origem por trás da ideologia implicitamente defendida pelo livro didático, além de refletir acerca da estereotipia trazida pelas ilustrações e nos formatos dos exercícios, que induzem o educando a seguir alternativas pré-estabelecidas, limitando sua autonomia e criticidade.

Vale ressaltar que a ausência de uma contextualização nos conteúdos pode gerar prejuízos na aprendizagem dos alunos, dessa forma o processo de aprendizagem se torna mecânico para o aluno, o faz perder o interesse, distancia os conteúdos do mesmo, além de não oferecer ao aluno a possibilidade de conhecer e problematizar o seu lugar de vivência. Essa é uma situação presente no livro analisado, quando este condiciona os alunos de diferentes realidades à um padrão idealizado. Josemar Martins (2004, p.29), em seus estudos sobre educação contextualizada, entende que “a educação não pode se dar ao luxo de ignorar o chão que pisa”. Fazendo uso dessa afirmativa, justifica-se o papel fundamental da educação no processo de mostrar ao aluno a verdadeira representação do local onde se vive.

METODOLOGIA

O estudo deste livro didático se deu a partir da percepção de um padrão reproduzido na seleção de conteúdos e em sua organização; sendo assim, a análise foi feita, de forma minuciosa, abrangendo as diversas categorias que estruturam o livro: imagens, textos, formulação das questões, personagens escolhidos e temáticas discutidas. Como estratégia para a realização desta análise, articulou-se os métodos qualitativo e quantitativo, resultando no uso do método de “triangulação”, compreendido por Duarte (2009, p. 12) como o uso de “múltiplos métodos para estudar um determinado problema de investigação”, desenvolvendo assim, uma análise mais consistente.

O material examinado se sobressai devido ao *design* apresentado na capa — crianças praticando atividades diversificadas, cores vibrantes e diferentes etnias —, que instiga o leitor a imaginar o conteúdo que o livro traz, principalmente o público alvo, o infantil.

Sendo assim, a partir do primeiro contato com o livro didático foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca da importância do mesmo e das temáticas enfatizadas nesta análise: contextualização, estereótipos e exercícios que condicionam à respostas prontas. Além disso, foi elaborada uma tabela na qual se fez um levantamento aproximado da quantidade de figuras dos tipos humanos que representam as diferentes etnias.

DESENVOLVIMENTO

A educação, devido a sua complexidade, permite que muitos autores se debrucem sobre diferentes eixos epistemológicos, defendendo as próprias concepções do que é educação, de como é construída ao longo da sua historicidade, e em como esta constitui o ser. Nessa perspectiva de construção, Martins (2012, p. 47) discorre que:

[...] a história que se contou e a verdade que se difundiu através dela, foram uma história e uma verdade independentes dos sujeitos implicados na relação pedagógica. Uma história e uma verdade dos vencedores, dos colonizadores, da classe hegemônica. Não foi a história e a verdade de todos nós, especialmente, não foi a história e a verdade dos vencidos, dos submetidos à situação colonial. Por isso essa história e essa verdade contadas, constitui a relação de colonialidade nos processos pedagógicos.

Este pensamento de Martins a respeito da educação é direcionado por Nossela (1979, p. 30-31) para a ação pedagógica, quando esta aponta as consequências desses valores dominantes no processo de ensino-aprendizagem, afirmando que:

A ação pedagógica desenvolvida na escola obriga os alunos a interiorizarem ensinamentos e princípios, de maneira contínua e metódica, formando neles um *habitus*, que permanece, mesmo quando cessa esta ação pedagógica. Tais ensinamentos e princípios, determinando este *habitus*, geram práticas e atitudes que favorecem o modelo socio-econômico-político defendido pela classe dominante.

Tais pensamentos introduzem a ideia de que dentro da estrutura dos conteúdos que são selecionados e transmitidos por meio de recursos didáticos, há a presença de um currículo oculto que “expressa uma operação fundamental da análise sociológica, que consiste em descrever os processos sociais que moldam nossa subjetividade como que por detrás de nossas costas, sem nosso conhecimento consciente” (SILVA, 1999, p. 80). Propagando e internalizando esses conceitos.

Um dos recursos utilizados no processo de ensino-aprendizagem é o livro didático, que possui a função de apresentar o conteúdo selecionado no ambiente escolar. Este ambiente, como dito por Lins (2017, p. 87),

Está atrelado a organização da sociedade em classes. Com o surgimento da escola, ocorrem às escolhas, as determinações do que, para quem, para que, e como se ensina. E essa questão está relacionada tanto a uma perspectiva epistemológica, como ao processo de inclusão e exclusão de saberes, de valores culturais, que marcam histórias de colonização, dominação e opressão. Civilizações, países, em nome de uma verdade científica, baseada na cultura europeia, ocidental, branca elaboraram discursos para justificarem os processos de dominação e exploração de povos diante de outros.

A partir da compreensão da educação, currículo e livro didático percebe-se a importância de uma visão mais crítica do conteúdo aderido por este material, como este é transmitido e os reflexos causados na construção do ser.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que a escola é formada por diversas identidades, e estas devem ser reconhecidas e valorizadas, faz-se necessário uma educação voltada à construção integral do aluno, para que o mesmo se torne participante ativo no seu processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, é importante entender os aspectos principais que norteiam a fundamentação da escrita dos livros didáticos.

Sendo assim, vale ressaltar que desde os primórdios, o livro didático traz consigo enraizamentos históricos e colonizadores, como afirmado por Lins (SANTOMÉ, 1998 apud LINS, 2013, p.86) “desde o seu surgimento, as enciclopédias, os livros-textos, por volta dos séculos XVI e XVII, já foram criticados pelo próprio Comênio, devido ao fato de trazerem conhecimentos obsoletos e distantes do cotidiano dos estudantes”. Dessa forma, o que se vê ainda na contemporaneidade, são conteúdos reducionistas com atividades direcionadas que deixam a entender que estão voltadas apenas a atender um único público, nesse caso, aqueles que são em sua maioria de pele clara e detentores de um poder aquisitivo.

Dentro da alusão a esse público são trazidas imagens estereotipadas que englobam desde a prevalência da família idealizada – mãe, pai, filho, filha e avós –, brinquedos padronizados – bicicleta, Playstation, quebra-cabeça, bonecas de porcelana –, como apresentado na página 216, da obra em análise, que destaca ainda como os cômodos da casa são retratados, como o quarto individual, com computador, escrivaninha, telefone, dentre outros objetos ilusórios e não correspondentes aos vários contextos presentes na sociedade.

Posteriormente, outra questão também relevante é o fato do mesmo trazer o perfil do índio ainda como pessoa não concreta (NOSSELLA, 1979), tendo em vista que a Lei 11.645/08, assenta que o currículo oficial do ensino básico estabelece a temática "História e Cultura afro-brasileira e indígena". Sendo assim, a imagem destinada ao índio é mostrada pela visão "portuguesa", ainda trazida nos livros de história do Brasil. Essas ilustrações trazidas pelo livro didático “apresentam, ainda, as relações entre branco e índios de maneira estereotipada, pois os índios são sempre descritos como importantes e leais colaboradores dos portugueses na conquista de suas próprias terras e na exploração de suas próprias riquezas.” (NOSSELLA, 1979, p. 187), e ratificam uma concepção ultrapassada do índio, já que este não se limita apenas a acessórios utilizados para descrevê-lo.

Lins (2013, p. 87) afirma que “os livros didáticos acabam reproduzindo valores, concepções e preconceitos, quando são livros com perspectivas sexistas, classistas, racistas, urbanas, sulistas, trazendo conteúdos recheados de discursos colonizadores”. Logo, os estereótipos trazidos no livro analisado, reforçam conceitos “paleolíticos” e equivocados perpetuados implícita e explicitamente na sociedade, refletindo diretamente no processo de ensino-aprendizagem do educando, havendo uma alta possibilidade de reprodução desses ideais, descaracterizando a realidade de muitos alunos que não se reconhecem dentro do contexto exemplar trazido pelo livro didático.

Dessa forma, é de fundamental importância uma educação significativa ao educando, ou seja, que possua características que aproxime sua realidade do conteúdo que está sendo abordado. Nessa perspectiva, a contextualização dentro da educação se mostra como uma potencializadora de aprendizagem significativa, valorizando os conhecimentos pertencentes a cada um, independente das diferenças sociais, culturais, políticas e econômicas, proporcionando uma educação que aproxime o aluno da compreensão do conteúdo. Diante dessa contextualização o educando poderá ultrapassar o nível de reconhecer uma informação para a construção de um conhecimento.

Dentro deste cenário, o livro didático se apresenta como um auxiliador no processo de ensino-aprendizagem, sendo um instrumento importante para desenvolver e propagar aspectos contextualizados inseridos em sua organização, fazendo alusões a diferentes contextos – regiões, vivências, classes sociais, culturas, etnias, entre outros –, na tentativa de uma aproximação entre o educando e o material, para facilitar a compreensão do que está sendo abordado e para este se reconhecer como parte de um contexto.

Assim, o livro analisado traz em sua estrutura uma padronização na seleção de conteúdos, imagens e textos, como é visto na página 53 (MACAMBIRA, 2013), em que há

uma imagem retratando uma exposição com os seguintes quadros: Cinco moças de Guaratinguetá pintado por Di Cavacanti; o lavrador de café produzido por Cândido Portinari; e Abapuru por Tarsila de Amaral, observados por três crianças com características europeias – cabelos loiros e pele clara, características que no conjunto se distanciam do contexto nordestino em que o livro foi escrito, e também da realidade socioeconômica de muitos, que não permite visitas a museus, dentre outros espaços de cultura. Podendo ser incluídos no livro didático aspectos que fizessem menção aos diversos artistas de outras regiões, não só se limitando à artistas sulistas, como foi analisado na página 53. Essa ideia é reafirmada por Lins (2013, p. 88) ao dizer:

Como exemplo, traríamos para analisar um conteúdo didático. É comum encontrarmos os materiais didáticos o conteúdo água da seguinte forma: onde a encontramos, nos rios, lagos, mares; para que serve, plantar, tomar banho, cozinhar etc.; as propriedades (inodora, incolor, insípida); estados (sólido, líquida, gasosa); formas de abastecimento etc. Em alguns contextos as crianças vivem perto de aguadas, riachos, encontram água em poços, cacimbas, barreiros, açudes e em algumas situações a água não se apresenta com essas propriedades citadas, ela tem cor, cheiro, gosto, e é preciso andar muito pra consegui-la, até porque as fontes de água potável presentes nas comunidades, em certas ocasiões, estão cercadas por fazendeiros e servem para manutenção de criatórios de bois.

Nesse sentido, percebe-se que a ausência de contextualização perpassa nos vários componentes curriculares do livro didático, levando o educando a não reconhecer o contexto de sua realidade, e concomitante a isso, subjuga uma cultura sobre a outra quando esta não é apresentada de forma contínua, somente esporadicamente, ou até mesmo quando não se faz menção à ela.

Para ratificar essa afirmação, foi realizado um levantamento estatístico aproximado das figuras de representações humanas trazidas pelo livro didático, enfatizados principalmente na capa (conforme a figura 1), e posteriormente um comparativo com o senso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (como mostra a tabela 1).

Figura 1: Capa do livro didático



Fonte: Livro: Novo lendo você fica sabendo (2013)

Tabela 1: *Comparativo entre o livro didático e dados do IBGE*

	Branco	Preta	Parda	Indígena	Amarela	Total
Ilustrações	125	21	48	3	4	201
%	62,18	10,44	23,88	1,49	1,99	--
IBGE 2010	34,38	4,67	59,29	0,27	1,37	--

Fonte: Livro: *Novo lendo você fica sabendo* (2013); Estatística do IBGE 2010

As ilustrações do livro estão em acordo com os dados apresentados pelo censo 2010 do IBGE, conforme pode ser vislumbrado na tabela 1. É possível verificar a dominância das raças branca e parda sobre as demais. No entanto, isso não quer dizer que o contexto do livro deve seguir essa predominância racial, mas sim buscar a diversidade, como está ilustrado em sua capa, pois ao tratar dessa diversidade, os educandos serão representados ao longo do livro didático.

Esta falta de contextualização implica diretamente em um aspecto percebido na estruturação do material didático: a organização das questões a serem respondidas pelos alunos e os espaços para a resolução dessas questões. Essa temática é percebida em alguns momentos do livro, como por exemplo, nas páginas 15 e 16 (MACAMBIRA, 2013), onde a categoria "Vamos dialogar" apresenta uma imagem (um grupo de pessoas, abraçadas e sorridentes, sentadas em um gramado) para ser discutida na atividade proposta; entretanto, o conteúdo posterior sugere ao aluno que a imagem retrata um modelo ideal de família. Ainda nessa atividade, na página seguinte vê-se a terceira questão sobre o assunto, que busca saber do aluno se todas as famílias são como a da fotografia, oferecendo duas alternativas de resposta: "Sim, pois em todas as famílias essas pessoas estão presentes / Não, pois cada família tem a sua função." (MACAMBIRA, 2013, p.16).

Esse sistema de organização condiciona o aluno a seguir uma ideia fechada, mesmo que este perceba uma diferença entre a própria família e o modelo de família retratada no livro, não poderá criar sua alternativa para a questão, já que não há um espaço reservado para isso. Além de limitar a sua criatividade, e desvalorizar suas experiências. Levando em consideração o que Lins (2013, p.89) afirma:

Um contexto, tão diverso, permeado por tantas expressões diferentes, com tantos jeitos de ser, de brincar, de vestir, de comer, de falar, de conviver, de rezar, com tantos saberes e sabores, com tantas histórias e narrativas, que se cruzam e se produzem numa rede de relações dinâmicas que vão se modificando de lugar para lugar, não se pode falar de uma única cultura, mas de muitas culturas.

Nessa perspectiva, percebendo a diversidade nas experiências dos indivíduos, não se pode ignorá-las em sugestões de respostas pré-selecionadas, ou na falta de espaços para que a criança expresse seu próprio contexto, seja em forma de escrita ou desenho. Além de ser uma

falta de estímulo à criticidade, pois, ao delimitar as respostas que devem ser escolhidas pela criança é retirada a possibilidade de pensar por si mesma, e faz com que a mesma acredite que as respostas sugeridas pelo livro, ditas como “certas”, são tidas como verdade.

Nesse caso, além desses espaços auxiliarem no desenvolvimento da criança, eles poderiam se tornar espaços de reflexão crítica na interação da criança com o mundo. O professor, como sendo um intermediador nesse processo, teria a possibilidade de aproximar o conteúdo estudado em sala de aula com a realidade da criança, a partir do contexto produzido pela própria criança no espaço indicado, que estaria sendo explorado.

Em outro momento do livro, das páginas 47 à 49 (MACAMBIRA, 2013) se faz uma análise do poema “Quando as crianças brincam” de Fernando Pessoa por meio de uma série de questionamentos, dentre eles se destaca a última questão acerca das características que definem um poema, disponibilizando apenas três opções de respostas: “descrever ações / falar sobre acontecimento do dia a dia / expressar ideias e sentimentos sobre diversos assuntos”. Este método de avaliação acaba limitando e reduzindo o sentido do que é poema, e das habilidades do poeta, tendo em vista que há poemas que abrangem esses três aspectos, ou mais, como por exemplo, o poema escrito por Marina Colasanti “A gente se acostuma, mas não deveria...” que vai além das definições reducionistas trazidas pelo livro, na página 47 à 49.

Sabendo disso, é perceptível que o livro didático analisado apresenta uma lacuna quanto à possibilidade de espaços que permitam a criação de novas respostas, para auxiliar no processo de invenção da criança, que, parafraseando Virgínia Kastrup (1999), não se conforma que esteja tudo pronto, mas cria, reinventa, a partir de suas experiências. Esse processo seria facilitado, e se daria com êxito se fosse confiado à criança espaços para criação e reinvenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do livro didático, utilizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos levou a uma compreensão da necessidade de examiná-lo, minuciosamente, desde os conteúdos selecionados até à forma como são estruturados, além de entender a perspectiva histórica por trás da ideologia, apresentada de forma sutil pelo livro didático. Sendo assim, sabendo que a educação acompanha as mudanças da sociedade, e que o livro é um instrumento da educação, ele necessita ser condizente com essas transformações, para que não se torne um material ultrapassado.

Tendo em vista a importância da educação no ensino fundamental, e sabendo que é durante essa fase (aproximadamente entre 7 e 10 anos) que o indivíduo forma seu caráter, se desenvolve nas dimensões políticas, culturais, sociais, e individuais, a partir de vivências em diferentes grupos sociais. (NOSELLA, 1979). Portanto, o que é ensinado durante essa fase será colocado como verdade, tendo o pressuposto que os conceitos apresentados pela escola, são absorvidos pelos educandos como certos. Assim, se tem a necessidade de criticizar todo o material aderido pela educação para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem, visto que, a escola constrói o indivíduo para atuar na sociedade.

A partir do exposto anterior, vale a ressalva de que o livro didático é apenas um produto da sociedade. A crítica aqui apresentada faz menção às ideias dominantes e intrínsecas nas pessoas; à base cultural, social e histórica que antecedeu e solidificou esse discurso; e em como se dá a permanência da predominância da ideologia arcaica na sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Roziane do Amparo *et al.* **Orientações para elaboração de trabalhos técnicos científicos conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)**. Belo horizonte: [s. n.], 2019. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20160217102425-n.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2019.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2019

DUARTE, Teresa. **A possibilidade da investigação a 3**: reflexões sobre triangulação (metodológica). 2009. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1319/3/CIES-WP60%20Duarte.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2019.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Papirus Editora, 1999.

LINS, Claudia Maisa A. Livros didáticos contextualizados conhecendo o semiárido volumes I e II: aspectos políticos/ pedagógicos no percurso de elaboração. In: REIS, Edmerson dos Santos *et al.* (org.). **Educação e convivência com o semiárido**: reflexões por dentro da UNEB. 2. ed. Juazeiro-Bahia: RESAB, 2013. cap. 6, p. 86-103.

MACAMBIRA, Daniela Miranda da Costa (org.). **Novo Lendo Você Fica Sabendo**. Fortaleza - Ceará: Aprender Editora Cearense de Material de Ensino Ltda, 2013.

MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o semi-árido. **Educação para a convivência com o Semi-Árido**: reflexões teórico-práticas. Juazeiro (BA): RESAB, p. 37-66, 2006.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

PINZOH, Josemar da Silva Martins. Educação Contextualizada: Da Teoria à Prática, In: REIS, Edmerson dos Santos; CARVALHO, Luzineide Dourado. **Educação contextualizada: fundamentos e práticas**. Juazeiro/BA. UNEB/NEPEC-SAB/MCT/CNPQ/INSA/Selo Editorial RESAB, 2012.

SILVA, Marco Antônio. A fetichização do livro didático no Brasil. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 3, p. 803-821, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Quem escondeu o currículo oculto. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte, Autêntica, p. 77-152, 1999.